

COMENTÁRIOS AO LIVRO
O ENGANO DE ÉDIPO

Ensaios sobre a prática psicanalítica
de
Luiz-Olyntho Telles da Silva

Maria da Glória S. Telles da Silva

Quero começar com alguns comentários sobre o estilo de escrita do autor. Na convivência com Luiz-Olyntho, tenho acompanhado de perto os inúmeros comentários que ele tem recebido ao longo desses anos de sua prática como escritor. E uma constante sempre destacada nesses comentários é de que seus textos são densos e permeados de cultura e erudição. E é verdade. Isso tanto os textos psicanalíticos, como os que hoje estamos ocupados em comentar, quanto os textos voltados à literatura.

Na minha leitura, isso acontece basicamente por duas razões. A primeira, fala de uma marca na sua formação: pessoal e como psicanalista; ele sabe que quanto maior a bagagem cultural que se pode adquirir, muito mais capacitado se estará para ler o mundo em que vivemos – aliás, um universo complexo -, e, logo, o mundo de cada analisante (porque cada um porta um mundo). Isso, sem a menor dúvida, o distingue na qualidade e sensibilidade que dispõe para essa tarefa de psicanalista. A segunda razão é derivada da primeira. Luiz-Olyntho sabe que não se alcança essa amplitude, esse domínio sobre o que está em causa na vida, com pouco esforço. Razão pela qual ele se recusa a tomar seu leitor/interlocutor como alguém, desprovido de recursos para compreender o que ele expõe ou que não possa ir na busca desses recursos.

Ler e entender tudo imediatamente, ou sair da leitura sem dúvidas ou inquietações com o que leu, não faz parte do *modus operandi* da escrita de Luiz-Olyntho. Sua escrita desacomoda nossa ignorância. A presença de certo grau de dificuldade torna-se propulsor na busca de ampliar nosso conhecimento. Como diria Dulcinea Santos, sua amiga e revisora, a escrita olynthiana trabalha em prol de oportunizar ao seu leitor um movimento de abertura que contribui para melhor habilitá-lo na compreensão da vida. Isso, penso, porque ele acredita que uma leitura só tem valor ao agregar algo à vida daquele que lê.

Como ele mesmo refere no livro (pg 59/60), trabalha perseguindo o tema proposto, desbastando-o, ao modo de *Da Vinci per via de levare* e, nesse processo, muitas descobertas vão se

revelando. Nesse sentido, seus textos são um convite a trabalhar, não a relaxar. Ele não oferece nada pronto, mastigado; aposta que cada um tem, se desejar, os recursos para construir seu próprio saber com as formulações que ele nos disponibiliza. Àqueles que permitem deixar-se inebriar de seus escritos, aproveitam e saem dessa experiência modificados.

Dito isto, passo a fazer alguns comentários do livro que hoje nos traz aqui: *O Engano de Édipo*.

Pensei em abordá-lo ao modo da proposta que recebeu Freud do editor e livreiro Hugo Heller em novembro de 1906, quando lhe enviou uma carta (assim como para outros escritores e intelectuais daquela época), para que Freud lhe indicasse dez bons livros. No caso, farei uma relação de 10 boas razões para se ler O Engano de Édipo.

Não sei se os pontos que destacarei são os mais importantes, ou mesmo os mais relevantes para a compreensão desse conjunto de textos que formam o livro, textos que são ao mesmo tempo densos e amplos, porque – e essa é outra das características dos escritos de Luiz-Olyntho -, remetem a inúmeros outros textos, sejam psicanalíticos, sejam literários, formando uma rede de leituras que amplia muito os capítulos que aqui encontramos. Mas, os dez pontos que irei destacar, foram, para mim, os pontos que nesse momento de minha leitura chamaram atenção por considerar que eles se fazem presentes em mais de um capítulo. Não se trata de uma simples ideia de repetição, mas de pontos que, ao se repetirem, permitem olhar de diferentes ângulos a uma mesma questão. Com isso, acredito, Luiz-Olyntho nos indica que a formulação de um conceito ou mesmo de uma idéia no campo psicanalítico está sempre em constante construção e não se chega a ela por um único caminho. Diria que, as idéias desenvolvidas nesses textos são como a argamassa que necessitamos para construir: dão solidez a nossa formação.

E nessa linha, de que um conceito se constrói a partir de um longo percurso, vemos, nesse livro, Luiz-Olyntho construir o conceito de Engano. Tomado desde o relevante mito do rei Édipo – tão caro no fundamento da psicanálise – Luiz-Olyntho passa a examiná-lo desde outros autores como Epimênedes, Goethe, Kant, chegando até situá-lo no contraponto dos campos da medicina e da psicanálise. Por fim, nos chama atenção para considerar os enganos que são próprios e propiciadores da vida – em especial dos neuróticos – e os enganos que, quando não reconhecidos como efeitos do significante no sentido de um gozo, tornam-se perniciosos, e podem levar o sujeito a uma série de atos nefastos a si e a outros. O conceito de engano, em minha leitura, é o fio que costura todos os textos desse livro.

Agora, as **10 boas razões para ler** *O Engano de Édipo*:

- 1) O livro traz uma **crítica aguda e atual sobre a Prática e a Formação dos analistas**;
- 2) Considera extensamente a questão do **autorizar-se analista; da transmissão, do Passe e da nomeação nas instituições psicanalíticas**;
- 3) Aponta o que faz a **consistência na prática psicanalítica**, ou seja, sua lógica na não completude e que o trabalho analítico visa *diminuir a solidez dos problemas, tornando mais leve o fardo da existência* (pg 38);
- 4) Fala da **importância e do valor da interpretação analítica**, que desde sua função de balança no acesso ao efeito de sentido, ao recalcado, tangencia o real, contando com a *sobriedade do significante* inscrita na estrutura do sujeito, e da **relevância do trabalho analítico** para destituir do significante seu valor grandioso, logo traumático, e levá-lo a condição de irrisório, como um passo importante **na direção da cura**.
- 5) Destaca os **efeitos do significante** na vida do sujeito, sua **orientação no reconhecimento do desejo** e, quando não pode reconhecê-los, a atribuição dos fatos da vida a um além divino ou demoníaco;
- 6) Nos fala da **importante função de marginalidade da psicanálise** enquanto disciplina que valoriza a função crítica e desejança do homem, para que ela jamais seja negligenciada;
- 7) Diz do **valor das leis e da ordenação para a organização do homem como ser de palavra**, o que leva a produção de cultura;
- 8) Irá mostrar que o **produto de um trabalho analítico** leva o sujeito a sair do lugar **de vítima de um destino para assumir um estilo como lugar de autoria**;
- 9) Analisa com acuidade a questão da **mentira** como o que dá acesso à verdade subjetiva; pode-se dizer que: sua **lógica é uma verdade!**

E, claro, seu *Plat de resistance*.

10) A **questão do engano**, que já havia destacado.

E finalizo, com uma questão que ficou girando na minha cabeça: quando um engano na vida do sujeito pode ser propiciador de mudança e quando não?

M. Glória S. Telles da Silva
Porto Alegre, 19 de junho de 2018.
Livraria Cirkula